



Sorriso, interação e engajamento afetivo em salas de aula de inglês como língua estrangeira (EFL): comunicação verbal e não verbal na aprendizagem de línguas

Smile, interaction, and affective engagement in English as a Foreign Language (EFL) classrooms: verbal and nonverbal communication in language learning

Lílian Maria Dantas¹

Submetido: 05/11/2025 Aprovado: 10/01/2026 Publicação: 26/01/2026

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a influência da linguagem não verbal, em conjunto com a linguagem verbal, na interação em sala de aula em contextos de ensino de Inglês como Língua Estrangeira (EFL). Entre as diferentes formas de comunicação não verbal, o estudo concentra-se especificamente no sorriso (EKMAN, 2003; PEASE & PEASE, 2005; CARVALHO, 1999; KINDE, 1999, entre outros). Os tipos de sorriso observados ao longo das interações em sala de aula contribuíram para a redução do filtro afetivo entre professor e alunos, ampliando a interação e favorecendo a produção linguística e a aprendizagem. A pesquisa fundamenta-se em uma perspectiva interacionista e afetiva da aprendizagem de línguas, destacando o papel das emoções, da motivação e da relação professor-aluno na construção de experiências de aprendizagem significativas. As observações em sala de aula evidenciaram que o sorriso atuou como um recurso não verbal relevante para mediar relações pedagógicas, negociar papéis e promover um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e participativo. Estudos recentes em Linguística Aplicada e Análise do Discurso Multimodal corroboram esses resultados ao enfatizar a comunicação não verbal como elemento central na construção de sentidos em salas de aula contemporâneas, inclusive em contextos híbridos e mediados por tecnologias digitais. Nessa perspectiva, expressões faciais como o sorriso são compreendidas como recursos semióticos que contribuem para o engajamento afetivo, a autonomia do aprendiz e a presença social.

Palavras-chave: Interação; Linguagem Verbal e Não Verbal; Sorriso; Filtro Afetivo; Sala de Aula de EFL

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the influence of nonverbal language, together with verbal language, on classroom interaction in English as a Foreign Language (EFL) contexts. Among the various forms of nonverbal communication, this study focuses specifically on the smile (EKMAN, 2003; PEASE & PEASE, 2005; CARVALHO, 1999; KINDE, 1999). The types of smiles observed during classroom interactions contributed to lowering the affective filter between teacher and students, increasing interaction and enhancing students' language production and learning. This research is grounded in an interactionist and affective perspective of language learning, emphasizing the role of emotions, motivation, and teacher-student rapport in the construction of meaningful learning experiences. Classroom observations revealed that the smile functioned as a powerful nonverbal resource to mediate pedagogical relationships, negotiate roles, and foster a more welcoming and participatory learning environment. Recent studies in Applied Linguistics and Multimodal Discourse Analysis support these findings by highlighting nonverbal communication as a fundamental element in meaning construction in contemporary classrooms, including hybrid and digitally mediated learning settings. From this perspective, facial expressions such as smiling are understood as semiotic resources that promote affective engagement, learner autonomy, and social presence, extending the role of nonverbal language beyond traditional face-to-face interaction.

Keywords: Interaction; Verbal and Nonverbal Language; Smile; Affective Filter; EFL Classroom.

¹ Doutoranda em Ciências da Educação, Mestre em Ensino de Língua Inglesa e suas Literaturas. Professora da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). lilianmdantas@gmail.com

1. Introdução

Nos dias atuais, o aprendizado de uma língua estrangeira é concebido como um processo interativo que envolve, simultaneamente, professor e aprendiz, refletindo os aspectos socioculturais e os valores de uma comunidade ou de um determinado contexto nacional. A linguagem configura-se como uma prática social e, por essa razão, não pode ser analisada de forma dissociada da interação, do contexto social em que se insere e de sua dimensão histórica (TAVARES, 2001; ORLANDI, 2005). Nessa perspectiva, Kramsch (1993), referência nos estudos sobre Ensino de Línguas Estrangeiras e Linguística Aplicada, sustenta que a língua expressa a realidade cultural ao veicular conhecimentos de mundo compartilhados por meio de ideias, fatos e acontecimentos; materializa essa realidade quando indivíduos pertencentes a um mesmo grupo utilizam a língua como meio de comunicação; e, ainda, simboliza a realidade cultural, uma vez que os falantes reconhecem sua língua como um marcador de identidade social, constituindo-se como um sistema de signos (p. 313). A autora também propõe outra forma de compreender o conceito de cultura:

No entanto, há outra forma de compreender a cultura, aquela que adota uma perspectiva mais histórica. A cultura das práticas cotidianas fundamenta-se na cultura de uma história e de tradições compartilhadas. As pessoas se reconhecem como membros de uma sociedade à medida que ocupam um lugar na história desse grupo e conseguem identificar-se com a maneira como essa sociedade relembrava o passado, volta-se para o presente e projeta o seu futuro (p. 7).

Essa forma alternativa de compreender a cultura é o que possibilita aos indivíduos a consciência de seu papel social, enquanto membros de uma comunidade e sujeitos capazes de se identificar com ela. Em contextos instrucionais, como o da sala de aula, essa perspectiva tende a tornar-se mais distante, uma vez que os aprendizes não estão adquirindo sua própria língua, mas uma língua estrangeira. Diante disso, o professor assume um papel fundamental ao estabelecer conexões entre língua e cultura, de modo a proporcionar uma experiência de aprendizagem mais completa, que permita aos alunos utilizar a língua e compreendê-la em diferentes contextos da vida cotidiana.

Apesar dos avanços alcançados no ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas, ainda é possível observar, no contexto educacional brasileiro, a permanência de práticas pedagógicas ancoradas no método tradicional, centrado no ensino de regras gramaticais e na tradução. A maneira como a língua estrangeira é ensinada e aprendida em um determinado contexto de sala de aula está diretamente relacionada à concepção de língua do professor, à abordagem ou método adotado, aos fatores institucionais, aos materiais didáticos disponíveis e à tradição de ensino e aprendizagem da comunidade escolar.

Almeida Filho (1993), ao discutir as abordagens de ensino e aprendizagem de línguas

estrangeiras que fundamentam este estudo, destaca que o processo de aprender uma nova língua envolve dimensões afetivas, tais como a motivação, a disposição para assumir riscos ao utilizar a língua-alvo, a redução da ansiedade e a diminuição da pressão exercida pelo grupo. À luz dessa perspectiva, esta pesquisa dedica-se à análise da linguagem não verbal, mais especificamente do sorriso, investigando seus efeitos no ambiente de aprendizagem e na relação entre professor e alunos, especialmente no que diz respeito à interação em sala de aula e aos aspectos emocionais envolvidos nesse processo.

É de conhecimento comum que as escolas de ensino médio em nosso país, em grande parte, não estabelecem uma relação efetiva entre os conteúdos ensinados e as experiências dos próprios alunos. Conforme mencionado anteriormente, muitas instituições ainda tratam o ensino de língua estrangeira de maneira tradicional e mecanicista, recorrendo principalmente à tradução e a uma prática oral limitada, o que resulta em uma aprendizagem pouco significativa.

Essa realidade decorre de diversos fatores, tais como a falta de experiência docente e de domínio linguístico por parte dos professores, a escassez de materiais complementares, a ausência de equipamentos adequados, a limitação de recursos criativos, entre outros aspectos já mencionados.

Ao longo de muitos anos dedicados ao aprendizado de uma língua estrangeira, foi possível observar, contrastar e comparar as diferentes formas pelas quais os professores expunham seus alunos à língua-alvo e buscavam compartilhar seus conhecimentos da maneira mais significativa possível. A oportunidade de ter contato com docentes de diferentes nacionalidades e formações, bem como a constatação de que algumas das experiências de aprendizagem mais marcantes estavam associadas ao uso da linguagem não verbal em conjunto com a linguagem verbal, constituiu o ponto de partida para o aprofundamento dos estudos sobre a contribuição da linguagem não verbal — associada à verbal — no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso, a língua inglesa. Além do interesse prático, a trajetória acadêmica e os estudos sobre linguagem não verbal também contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, que busca compreender de que modo esses recursos contribuem para a interação em sala de aula, em quais situações ocorrem e em que medida a relação entre linguagem verbal e não verbal se mostra eficaz.

Esta pesquisa foi realizada na escola de extensão da Universidade Federal de Alagoas, a qual, de acordo com os dados coletados e com as observações em sala de aula, compartilha a mesma concepção de ensino e aprendizagem de língua estrangeira descrita por Almeida Filho (1993). Para a constituição do corpus, foram observadas, selecionadas e posteriormente transcritas doze aulas, cada uma com duração de duas horas e dez minutos. O estudo teve início em agosto de 2005 e se estendeu por todo o semestre letivo. Foram elaborados registros em diário de campo referentes a dez aulas e realizadas gravações completas de seis aulas, também com duração de duas horas e dez

minutos cada.

As aulas ocorriam exclusivamente às sextas-feiras, o que significava que cada aula gravada correspondia ao equivalente a duas aulas regulares semanais daquela instituição. Em média, participavam entre oito e dez alunos, os quais frequentavam aulas preparatórias para o exame FCE (First Certificate in English).

No Brasil, existem pesquisas relevantes que relacionam a interação em sala de aula ao uso da linguagem não verbal, como os estudos desenvolvidos por Tavares (2001), Santos (2004), entre outros. No entanto, não foram encontrados trabalhos que investiguem de forma específica a influência da linguagem não verbal no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e sua relevância nesse contexto.

Com o intuito de refletir sobre a natureza das linguagens verbal e não verbal em salas de aula de EFL, esta pesquisa também se dedica à observação do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Conforme afirma Almeida Filho (1993), os alunos levam para o ambiente não natural de aprendizagem suas expectativas em relação ao aprendizado de outra língua, bem como sua ansiedade, sua tolerância em relação à língua-alvo, sua motivação e suas limitações, denominadas filtros afetivos. Aprender uma língua estrangeira, segundo o mesmo autor, implica proporcionar experiências relevantes, significativas, válidas e profundas, que resultem, consequentemente, no aumento de momentos interativos na língua-alvo. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a linguagem não verbal, em conjunto com a linguagem verbal, pode influenciar a interação em sala de aula de EFL.

Com o objetivo de refletir sobre a natureza da linguagem verbal e não verbal em salas de aula de Inglês como Língua Estrangeira (EFL), esta pesquisa também se dedica à observação do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Conforme afirma Almeida Filho (1993), os estudantes trazem para o ambiente não natural de aprendizagem todas as suas expectativas sobre o que significa aprender outra língua, bem como sua ansiedade, sua tolerância em relação à língua-alvo, sua motivação e suas limitações, denominadas filtros afetivos. Aprender uma língua estrangeira, segundo o mesmo autor, implica oferecer experiências relevantes, significativas, válidas e profundas, que resultarão, consequentemente, no aumento de momentos interativos na língua-alvo. Assim, pretende-se, com este trabalho, investigar de que maneira a linguagem não verbal pode, em conjunto com a linguagem verbal, influenciar a interação em sala de aula de EFL.

Para compreender o processo interacional que ocorre entre professor e alunos em sala de aula, é fundamental considerar que tal processo faz parte de um macro contexto, no qual os elementos estão inter-relacionados e exercem influência mútua. Dessa forma, para compreender o uso da linguagem verbal e não verbal em salas de aula de EFL, torna-se necessário destacar o que

de fato se entende por interação nesse ambiente de aprendizagem linguística.

Os pioneiros da Análise do Discurso de tradição anglo-saxônica no estudo e na descrição da interação em sala de aula foram Sinclair e Coulthard (1975). Para esses autores, a interação típica em contexto escolar é constituída por uma sequência de ciclos, denominados *interchanges*, sendo cada um deles composto por três momentos, conhecidos como IRF (*initiation-response-feedback*), ou IRE (*initiation-response-evaluation*), conforme proposto por Mehan (1978). Nesse modelo, o professor inicia a interação, geralmente por meio de uma pergunta; o aluno responde, e, em seguida, o professor avalia ou comenta a resposta apresentada.

No contexto brasileiro, Leffa (2003, 2005) desenvolveu estudos relevantes sobre a interação em sala de aula no ensino de línguas, bem como sobre a interação em ambientes virtuais. Ao comentar o modelo interacional proposto por Sinclair e Coulthard, Leffa observa que ele caracteriza predominantemente o modelo de aula expositivo-dialogada das últimas décadas, além de refletir uma tendência presente em aulas mais recentes, nas quais a iniciativa de cada ciclo interacional permanece, em grande parte, sob a responsabilidade do professor. Embora haja diálogo entre professor e alunos, o docente ainda exerce um papel central como condutor da interação em sala de aula.

Para Rivers (1987), uma das principais referências no ensino de Inglês como Língua Estrangeira (EFL) e como Segunda Língua (ESL), bem como professora da Universidade de Harvard, a interação ocorre quando os alunos conseguem transmitir e receber mensagens que sejam significativas tanto para quem fala quanto para quem ouve, dentro de um contexto igualmente relevante para ambos. Nesse sentido, Wells (1981, p. 29, 46–47 apud Rivers, 1987, p. 4) afirma que “a troca é a unidade básica do discurso” e que a interação linguística constitui uma atividade colaborativa, envolvendo o estabelecimento de uma relação triangular entre o emissor, o receptor e o contexto da situação.

Rivers ressalta, com base em sua própria experiência como aprendiz de língua estrangeira, a importância de o professor demonstrar interesse pelo ensino, atuando de forma ativa, criativa e inovadora. Segundo a autora, o desenvolvimento de uma relação de proximidade e confiança (*rapport*) entre professor e alunos contribui significativamente para que estes se sintam mais envolvidos e motivados no processo de aprendizagem. A interação, nesse sentido, não se limita à produção linguística, mas envolve também a compreensão das ideias do outro, a escuta atenta, a resposta adequada e a construção conjunta de sentidos. Todo esse processo ocorre em um contexto que pode ser físico ou experiencial, no qual a linguagem não verbal desempenha um papel fundamental de apoio e complementação à linguagem verbal.

2. Definindo a Linguagem Não Verbal

Ao observar e analisar a interação, não apenas a linguagem verbal é mobilizada, mas também há a presença e a influência da linguagem não verbal.

Rector & Trinta (1999, p. 21) acrescentam que “verbal e não verbal são duas modalidades de exercício da faculdade humana da linguagem, por meio da expressão linguística, no primeiro caso, e por meio de movimentos corporais significativos, no segundo” (p. 21).

Na perspectiva de Rector & Trinta (1985), os recursos não verbais utilizados pelos falantes em qualquer tipo de interação social — responsáveis pela maior parte da informação transmitida — podem ser representados por:

a) Paralinguagem: refere-se a qualquer tipo de atividade comunicativa não verbal que acompanha o comportamento verbal durante uma conversa. Exemplos de paralinguagem incluem variações de entonação, pausas como “humm”, um sorriso ou um olhar.

b) Cinésica (Kinesics): é o estudo dos movimentos corporais e gestos, das posturas e das expressões faciais. Os estudos sobre a cinética foram iniciados em 1952 por R. Birdwhistell, quando se deu início a uma série de pesquisas sistemáticas sobre os movimentos do corpo, considerando-os como um comportamento estruturado e aprendido com função comunicativa.

c) Proxêmica e Cronêmica: a proxêmica refere-se ao estudo do uso do espaço nas interações humanas, enquanto a cronêmica analisa o uso do tempo.

d) Táxis (Taxesic) e Silêncio: o táxis trata do uso do toque na interação humana, e o silêncio é explicado como a ausência de construções linguísticas provenientes da paralinguagem (Steinberg, 1988, apud Rector & Trinta, 1999).

As categorias acima atuam em todas as formas de comunicação, influenciando diretamente o comportamento humano e a maneira como as mensagens são transmitidas e interpretadas.

Para compreender as interações discursivas em sala de aula, é fundamental considerar também os aspectos alusivos a tempo e espaço. Existem diferentes formas de relação com o tempo: monocrônica, típica de pessoas que realizam uma atividade por vez, e policrônica, característica de indivíduos que executam várias atividades simultaneamente (Santos, 2004).

Neste estudo, observa-se a predominância do tipo policrônico, uma vez que a professora conduzia mais de uma atividade ao mesmo tempo (como falar, levantar o braço e sorrir), garantindo, entretanto, que a comunicação fosse compreendida e que o conteúdo fosse aprendido antes de passar para a próxima etapa.

No que diz respeito à distância entre os interlocutores, Santos (2004) identifica quatro tipos:

- Distância íntima: envolvimento físico entre dois participantes, justificado pela proximidade e pelo contato corporal;

- b. Distância pessoal: uma certa intimidade ou formalidade em eventos sociais;
- c. Distância social: típica de transações comerciais ou reuniões com pessoas de importância;
- d. Distância pública: comum em discursos públicos e conferências, em que a linguagem tende a ser mais formal, pausada e lenta.

No contexto da pesquisa, observou-se uma distância de tipo pessoal, que, em alguns momentos, variava entre informal (para promover melhor interação) e formal (para definir papéis dentro da sala de aula).

A linguagem verbal e não verbal não podem ser estudadas separadamente. Compreender a interação verbal auxilia na análise da influência da linguagem não verbal — como gestos, expressões faciais e movimentos corporais — sobre o aprendizado de uma língua estrangeira, além de identificar em quais momentos da interação verbal a linguagem não verbal se torna predominante e por quais razões.

3. O Sorriso

As pessoas interagem constantemente com tudo ao seu redor, seja com outras pessoas, objetos ou contextos. “Estamos sempre agindo e reagindo em relação ao contexto que nos cerca” (Leffa, 2003, p.2). No ambiente de aprendizagem, essa interação não é diferente: professores e alunos, alunos entre si, o grupo como um todo, e até mesmo o material didático, estão sempre envolvidos em um processo contínuo de comunicação.

Para compreender o processo interativo em uma aula de língua estrangeira, é essencial analisar a linguagem verbal e não verbal em conjunto, pois, como mencionado anteriormente, elas fazem parte de um continuum e não podem ser estudadas isoladamente. Entre as diversas formas de linguagem não verbal observadas ao longo da pesquisa, aquela que mais se destacou e apresentou maior relevância para o processo de aprendizagem foi o sorriso.

Segundo estudo realizado por Freitas-Magalhães (2004), psicóloga portuguesa, existem três tipos de sorriso:

- a. Sorriso aberto: quando o sorriso mostra os dentes;
- b. Sorriso superior: quando apenas os dentes superiores são visíveis;
- c. Sorriso fechado: quando os dentes não aparecem e a expressão facial muda pouco.

De acordo com a pesquisadora, pessoas que sorriem com os lábios fechados são percebidas pelos outros como mais afetuosas. Entre os diferentes tipos de sorriso, o sorriso fechado, além de demonstrar afeto, pode ser interpretado como sugestivo ou sedutor. Observou-se também que, entre homens e mulheres, estas últimas tendem a utilizar o sorriso fechado com maior frequência,

sendo mais sociais em suas interações, quase de forma involuntária, mas com efeito mais sedutor e genuíno.

Outros estudiosos também comentam sobre a importância do sorriso: O sorriso é contagiente e pode ser sugestivo (Pease & Pease, 2005); Sorrir ativa zonas cerebrais relacionadas à felicidade espontânea (Carvalho, 1999); O sorriso é o traço que mais atrai as pessoas, funcionando como um convite à aproximação (Kinde, 1999); Sorrir e rir contribuem para o bem-estar geral, atraem amizades, melhoram a saúde e prolongam a vida (Pease & Pease, 2005).

4. O sorriso em uma aula de ensino de língua estrangeira: Os três tipos diferentes

Ao longo da pesquisa, observei três maneiras diferentes pelas quais o sorriso era utilizado pelo professor em sala de aula para promover uma estratégia de convivência. Uma delas era o uso do sorriso para **repreender** os alunos por não cumprirem o que havia sido combinado anteriormente (como fazer o dever de casa, comprar o livro etc.). Esse procedimento fica claro no seguinte exemplo:

Momento Interativo 1 (MI)– Tipo de sorriso: repreensão (Aula 5)

((É hora de começar a aula. A professora entra na sala sorrindo))

T: então, como foram as férias de vocês? ((alguns alunos mexem as mãos como se dissessem “nada mal”))

T: o que vocês fizeram?

S1: estudei.

T: estudou? ((ela olha para outro aluno)) estudou também?

S2: ((acena a cabeça positivamente))

T: e você, Alberto? o que fez?

Alberto: estudei.

T: todo mundo estudou nessas férias?

Alberto: eu fiz uma prova XXX.

T: h:::::m, certo! e:::::e, h:::::m, você estudou inglês também?

Alberto: não.

((A professora sorri, coloca as mãos na cintura e balança a cabeça da esquerda para a direita)) alunos arteiros, arteiros. e:::::e, mas... vocês... fizeram... vocês fizeram a lição de casa? vocês fizeram a lição de casa?

((um aluno entra na sala))

T: o:::::h, Rachel! XXXX. então, vocês fizeram a lição de casa do exame... ah... *exam maximizer*?

((ela sorri com as duas mãos na cintura))

((os alunos ficam em silêncio))

T: como vocês acham que... vão passar na prova? ((sorrindo)) me digam!! ((ela coloca as mãos na cintura))

((os alunos ficam em silêncio))

T: sejam sinceros!

Alberto: XXX.

((alguns alunos riem))

T: daqui a dez anos! ((sorrindo))

Alberto: dez anos?

T: é? gente... o fato de vocês virem aqui uma vez por semana não significa que não tenham que estudar! isso é, isso é só parte do processo! vocês têm... muitas coisas para fazer em casa!

S2: XXX.

T: duas horas e meia! menos do que isso! por semana! certo? então, se vocês não aproveitarem ao máximo... o material, o tempo de vocês... se preparando para a prova, eu sinto muito, mas vocês não vão passar.

T: certo? porque estou falando sobre a lição de casa... porque eu suponho que, **NESTE NÍVEL**, com um **GRUPO ASSIM**, eu não acho que eu deva... verificar a lição de casa... verificar se vocês estão fazendo ou não... ((ela sorri)). isso é algo que **VOCÊS** têm que fazer... sem a pressão do professor.

T: eu faria isso hoje, mas como apenas dois alunos têm o livro ((sorrindo)), então vou fazer na próxima aula, ok?

ok. então, estamos combinados? ((ela sorri)) então, vamos... então... **SEJAM** honestos com vocês mesmos, vejam as coisas que vocês precisam fazer... e então, se vocês não passarem na prova, não culpem o professor, certo? ((T sorri novamente))

De acordo com a professora, ela sorria sempre que queria repreender os alunos, pelo fato de não querer ameaçá-los, soar antipática ou criar um ambiente de aprendizagem desagradável. Embora sorrisse, os alunos sentiam que estavam sendo repreendidos e respondiam com silêncio. Esse silêncio indicava então que a mensagem havia sido recebida e que eles aceitavam a situação sem falar, porque a professora estava certa. Eles não estavam cumprindo suas responsabilidades, que envolviam fazer dever de casa, tarefas extras, entre outras. O fato de não realizarem o que deveriam irritava a professora, mas esse sentimento era disfarçado com um sorriso.

Outro aspecto interessante sobre o uso do sorriso na sala de aula de língua estrangeira era a promoção de uma estratégia de convivência (professora – alunos). A professora o transformava em um instrumento para aumentar a interação entre ela e os alunos, o que resultava na participação

ativa deles (momento interativo 3). Eles sentiam vontade de falar, de expressar suas opiniões e de mostrar seus pontos de vista. Funcionava tão bem que, em alguns momentos, a professora precisava interromper o fluxo da conversa para dar continuidade ao plano de aula. Alguns aspectos são apresentados a seguir (momento interativo 4).

A aula começa com a professora lembrando os alunos sobre a prova oral do exame (FCE). Fazendo perguntas, ela revisa alguns tópicos comuns no exame, como atividades de tempo livre e perguntas pessoais. Em seguida, ela realiza um jogo que pratica esses dois tópicos. Antes de trabalhar com o livro, ela aplica um quiz com os alunos.

Momentos Interativos 3 e 4 – Sorriso como estratégia de convivência (Aula 4)

IM3 – Introdução de tópicos sobre lazer e esportes de aventura

((A professora usa uma transparência com teste de personalidade para indicar quão aventureira a pessoa é))

P: Então, vocês concordam com os resultados?

A1: Não.

P: Não? Acham que são mais ou menos do que isso?

A1: Menos.

P: Menos? Não tão radicais, certo? E você? ((olha para outro aluno, sorrindo))

A2: Sim. Não tanto assim. ((professora sorri))

P: Talvez vocês não estejam conscientes do quão aventureiros são. Então, gostariam de experimentar esportes radicais?

A3: Sim!

P: Quais esportes?

A3: Eu gostaria de escalar.

P: E os outros?

A4: (XXX) ((alunos riem))

P: Não? Então, descrevam.

A4: Não sei como descrever.

((professora sorri))

A5: Xadrez?

((vários alunos riem))

A6: Eu gosto de andar de skate. Skate e esses... esses...

A3: Snowboard?

25. A6: Não é snowboard... skate e tal (XXX). Como se diz “rampa”?

P: Slope?

A6: Slope? (XXX)

P: Uhm...

A3: É “raf”.

A6: “Raf”?

A3: Sim, chamamos de “raf”.

P: Certo.

A6: Não consigo lembrar (XXX).

P: Não sei isso. Mas de qualquer forma, você precisa de um skate?

A6: Sim.

P: Ah! Tudo bem. Abram os livros. Algo realmente radical está na página 18. Olhem nos livros. Sem livro? ((professora sorri)) Sem livro? ((olhando para outro aluno)) ((sorri)) Quem não tiver, compartilhe com quem tem. Certo? ((professora ri)) Alguma ideia de qual esporte é esse? Página 18.

A6: Mergulho?

P: Di::::ving, então, que tipo de mergulho?

A5: (XXX) ((professora sorri))

P: Sim, é mergulho livre.

O segundo tipo de sorriso tinha como objetivo promover um ambiente de aprendizagem divertido na sala de aula. As aulas duravam 2 horas e 10 minutos, e os momentos divertidos ajudavam os alunos a se sentirem mais relaxados e dispostos a participar. O sorriso da professora funcionava como um incentivo à participação, já que os alunos também respondiam com um sorriso e demonstravam interesse em se envolver (com base em observações e anotações feitas durante a coleta de dados). Ela era amigável e atenciosa com seus alunos em todas as aulas observadas, e eles reagiam com participação (mas não com a realização das tarefas de casa). Acredita-se que esses momentos divertidos serão memoráveis para os alunos, pois estavam sempre ligados a situações reais da vida da professora ou dos próprios alunos.

Momento Interativo 6 – Sorriso para ambiente divertido (Aula 4)

((Durante atividade de listening, revisando adjetivos com terminações ED vs ING, com momentos de humor))

P: (professora e alunos conferem respostas de um exercício sobre esportes perigosos – relacionando ao uso de ED vs ING)

A1: Hangliding i:::s?

P: Hanggliding... sabe... não sei... Corcovado? Pedra da Gávea! No Rio... então as pessoas... fazem hanggliding lá!

((professora desenha no quadro))

P: Algo assim... e há uma pessoa... ((sorri))

A1: Ah! Asa delta!

((alunos riem))

P: ((sorrindo)) É como uma lâmpada, certo? Uma pessoa segurando aqui?

((todos riem))

P: Meu Deus! Não contem para os outros... XXX... Certo? Então, entenderam?

A1: Sim, é asa delta. ((professora sorri e assente positivamente))

P: Certo, em português, né? Certo!

(...)

T: Então, o oposto de *shallow*... ((apontando para o quadro)) é...?

S1: Deep.

T: Deep. Certo. É uma experiência muito assustadora. Eu não gostaria de estar em uma situação assim. Então, algo irritante. Alguém quer nos contar? ((ela sorri))

S2: Eles disseram que algo realmente irritante é o... é o... não sei a palavra... o sorvete Caicó.

((alguns alunos riem – a professora não entende))

((um aluno assobia a música do sorvete Caicó))

T: Sim! ((sorrindo amplamente)) Mas eu acho que a pior coisa é... a... a música. Meu Deus! É tão deprimente!!!! (sorrindo)

S3: Muito velha, muito velha.

((o aluno começa a assobiar a música novamente e todos riem))

T: ((sorrindo)) Ah, isso é irritante, né?

((todos os alunos riem))

O terceiro e último tipo de sorriso tinha como objetivo promover uma estratégia de convivência ou discurso, de modo a aumentar a interação na sala de aula. Para promover uma forma de discurso convivencial em um ambiente de sala de aula, de acordo com Kramsch (1987), os papéis precisam ser negociados entre professor e alunos para que as tarefas sejam realizadas com sucesso. Havia momentos de interação, principalmente entre alunos, nos quais a professora usava o sorriso para mostrar aos estudantes que estava feliz por eles estarem cumprindo o que se esperava deles. Isso gerava nos alunos uma sensação de realização e interesse, contribuindo para seu aprendizado e aprimoramento da língua. A estratégia de convivência, como já foi mencionado, é considerada a estratégia ideal quando se trata do ensino e aprendizagem de línguas no ambiente de sala de aula. Trata-se de um equilíbrio entre a estratégia/discurso instrucional e a estratégia/discurso espontâneo.

No próximo trecho, apresentamos outro momento interativo (MI) em que uma estratégia

de convivência está presente, promovendo uma melhor interação entre professora e alunos. A aula começa com a professora informando aos alunos que farão uma revisão de unidade que durará cerca de vinte minutos. Ela distribui cópias do teste aos alunos e estabelece um tempo. Quando terminam, ela corrige as respostas e esclarece dúvidas. Em seguida, realiza um jogo com os alunos sobre artigos. Ela os divide em duas equipes. Eles precisam corrigir as frases e lançar uma bola adesiva no quadro. A posição em que a bola acerta indica o número de pontos que a equipe marca.

Momento Interativo 5 – Aula 6 – tipo: estratégia de convivência

T: Então, todas essas frases têm algo em comum.

S1: Artigos.

T: Ar...tigos! ((sorrindo)) — todas essas frases apresentam problemas com artigos. Vocês sabem como usar os artigos em inglês? ((sorri)) Às vezes, sim? ((sorri))

S2: Melhor às vezes do que nunca.

T: ((sorri)) Certo. Bem, basicamente, quais artigos usamos em inglês?

S3: The.

T: The...

S4: A / An.

T: A ou An... ((escrevendo no quadro)) E? Zero article. Vocês vão ver o uso desses artigos na página 192. Trabalhem em trio e decidam quem vai explicar o quê para cada colega.

((Os alunos realizam a atividade em trio, explicando entre si as regras sobre o uso de artigos — a, an, the))

((A professora sorri, satisfeita com a participação dos alunos — em seguida, ela pede que realizem um exercício no livro, no qual um aluno responde uma sentença e indica outro para a próxima))

T: Aline, outro aluno.

Aline: O nome dele é...

T: ((sorri e acena com a cabeça))

Thiago: Thiago.

Aline: Thiago.

((Os alunos terminam de corrigir as sentenças, com alguma dificuldade em lembrar o nome de todos))

T: Pessoal, pessoal... ((sorrindo)) vocês não lembram os nomes uns dos outros! Não acredito! Ok! Revisão! Qual é o nome dela? ((aponta para cada aluno enquanto todos repetem os nomes dos colegas)). t-t-t ((som com a língua)). Mal, mal, alunos! ((sorri e brinca com os alunos))

((Os alunos riem))

5. Discussão sobre o uso da linguagem não verbal na sala de aula

Esta pesquisa procurou evidenciar que o uso da linguagem não verbal, em conjunto com a verbal (não podendo ser consideradas isoladamente, pois dependem uma da outra), é de grande auxílio no ensino de uma língua estrangeira. A linguagem não verbal contribuiu para a redução do filtro afetivo entre professor e alunos, aumentando, assim, a interação em sala de aula. Com a intensificação da interação, a aprendizagem dos alunos é consequentemente favorecida por meio da participação ativa.

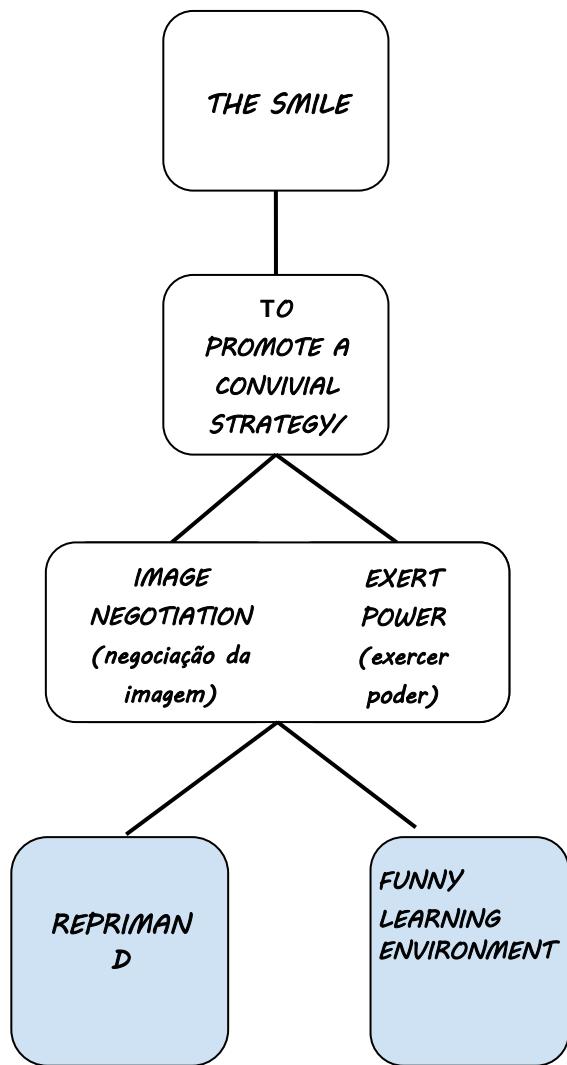
Observou-se que alunos altamente motivados, como já apontado por Krashen (1982), tendem a ter melhores resultados na aprendizagem de línguas estrangeiras. Além disso, estudantes confiantes e aulas que promovem a redução da ansiedade também apresentam melhor desempenho. No grupo estudado, os alunos mostraram-se motivados durante as aulas devido à participação e ao interesse pelo conteúdo.

O sorriso funcionou como uma ferramenta importante para diminuir a ansiedade dos alunos, fazendo-os sentir-se mais seguros e confiantes. Como consequência, as aulas apresentaram alta interação professor–aluno e aluno–aluno, resultando em um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, muitas vezes divertido, e mais propício para o desenvolvimento de habilidades comunicativas na língua inglesa.

Estudos recentes em Linguística Aplicada e Análise do Discurso Multimodal corroboram esses achados, chamando atenção para a linguagem não verbal como um elemento fundamental na construção de significado nas salas de aula contemporâneas, incluindo ambientes híbridos e mediados digitalmente. Nessa perspectiva, expressões faciais como o sorriso são compreendidas como recursos semióticos que contribuem para o engajamento afetivo, a autonomia dos aprendizes e a presença social, ampliando a relevância da linguagem não verbal para além da interação presencial tradicional.

O processo interacional é extremamente importante para a comunicação humana. A linguagem não verbal é vital para que a interação seja bem-sucedida, constituindo-se como parte integrante da comunicação verbal (Rector & Trinta, 1985). Observa-se que a linguagem verbal e não verbal não se contradizem, mas se completam mutuamente. Ambas fazem parte do processo comunicativo entre professor e alunos, possibilitando a negociação de significado entre eles.

As ideias apresentadas acima são resumidas e representadas no gráfico a seguir.



No gráfico, o sorriso (*the smile*) aparece como o elemento utilizado pelos professores para promover um ambiente macro de aula, denominado estratégia de convivência (*convivial strategy*). Por meio dessa estratégia, a professora negociava sua imagem e exercia poder ao definir os papéis entre ela e os alunos em sala de aula (ela sorria e repreendia ao mesmo tempo - *reprimand*). O sorriso também era utilizado para criar um ambiente de aprendizagem divertido (*funny learning environment*), aumentando a participação e a interação dos alunos e contribuindo para um aprendizado mais significativo.

É importante destacar que a linguagem verbal e não verbal ocorrem simultaneamente, sendo usadas em conjunto, pois dependem uma da outra e se complementam (Santos, 2004). Os três tipos de sorriso descritos neste estudo também ocorrem juntos. Por exemplo, quando a professora repreende os alunos, ela simultaneamente preserva sua imagem e exerce autoridade na sala de aula. Quando uma situação engraçada acontece, é por meio de uma estratégia de convivência

que todo o processo se desenvolve. O mesmo se aplica à própria linguagem: é difícil tentar explicar como a linguagem se manifesta. Ela é complexa, não pode ser estudada separadamente do contexto social em que ocorre ou das situações em que os participantes interagem.

Essa complexidade de tentar definir a linguagem levou-me a uma descrição interessante sobre o tema: “A linguagem é, segundo uma imagem do próprio Wittgenstein, nebulosa, composta de múltiplos lugares, regiões, sub-linguagens mais ou menos semelhantes entre si, e é nelas e em suas transgressões nas fronteiras internas que o filósofo deve concentrar sua atenção” (Costa, 2002, p. 35).

Referências

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. São Paulo: Pontes, 1993.
- CARVALHO, Kate. **The power of a smile**. New Zealand: Sri Chinmoy Centre, 1999.
- COSTA, C. **Filosofia da linguagem: filosofia passo a passo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- EKMAN, Paul. **Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life**. New York: Henry Holt and Company, 2003.
- FREITAS-MAGALHÃES, Armindo. **A psicologia do sorriso humano**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2004.
- KENDON, Adam. Gesture and understanding in social interaction. In: KENDON, Adam (ed.). **Research on language and social interaction**. Special issue. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.
- EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace V. The repertoire of non-verbal behaviour: categories, origins, usage and coding. In: KENDON, Adam (ed.). **Non-verbal communication, interaction, and gesture: selections from Semiotica**. The Hague: Mouton, 1981.
- KINDE, John. Add power to your life to empower your relationships. **Humor Power**, 1999.
- KRAMSCH, Claire. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- KRAMSCH, Claire. Interactive discourse in small and large groups. In: RIVERS, Wilga M. (ed.). **Interactive language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.
- LEFFA, Vilson J. (org.). **A interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: EDUCAT, 2003.

LEFFA, Vilson J. **Interação virtual versus interação face a face: o jogo das presenças e ausências.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E INTERAÇÃO, 2005, São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

MEHAN, Hugh. **Learning lessons: social organization in the classroom.** Cambridge: Harvard University Press, 1978.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. **Desvendando os segredos da linguagem corporal.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação do corpo.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **A comunicação não verbal: a gestualidade brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1985.

RIVERS, Wilga M. **Interactive language teaching.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SANTOS, Maria de Fátima Oliveira. **A interação em sala de aula.** 2. ed. Recife: Bagaço, 2004.

SANTOS, Maria de Fátima Oliveira. Considerações acerca dos elementos não verbais e verbais na comunicação humana. **Cise em Revista**, Maceió, ano 1, n. 1, 2004.

SANTOS, Maria de Fátima Oliveira. **Os não verbais e verbais no discurso de sala de aula.** Mimeo, 2006.

SINCLAIR, John McHardy; COULTHARD, R. Malcolm. **Towards an analysis of discourse.** London: Oxford University Press, 1975.

TAVARES, Rosângela Rodrigues. O discurso interacional em sala de aula de língua estrangeira. **Revista Leitura**, Maceió, n. 28-29, p. 101-103, 2004.

TAVARES, Rosângela Rodrigues. A interação verbal no contexto pedagógico à luz da microanálise etnográfica da interação. In: LEFFA, Vilson J. (org.). **Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos.** Pelotas: EDUCAT, 2006.

TAVARES, Rosângela Rodrigues. **A negociação da imagem em sala de aula de língua inglesa.** 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication.** London: Routledge, 2006.